



MULHER CAMPONESA: A NEGAÇÃO DO DISCURSO-OUTRO EM TENTATIVAS DE (RE)SIGNIFICAÇÃO

Dulce Beatriz Mendes Lassen¹

No presente texto, apresentarei considerações sobre o funcionamento discursivo da negação no discurso do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC Brasil). Para isso, selecionei sequências discursivas (*Sds*) em cartilhas e panfletos publicados por esse movimento social brasileiro, integrado por mulheres trabalhadoras rurais, que veem nesse tipo de organização um meio de enfrentarem/mudarem a sociedade patriarcal, o machismo e as consequências negativas do sistema capitalista, tais como exploração da mulher, agressão ao meio ambiente, opressão aos trabalhadores, massacre de culturas etc. Em função da presença desse constante enfrentamento em suas práticas discursivas, seu discurso constitui-se em um terreno profícuo para a Análise do Discurso, e, no presente caso, para o estudo da negação.

A negação, por meio de seu funcionamento, “estabelece fronteiras entre discursos ideologicamente antagônicos” (INDURSKY, 1997, 216). Conforme Indursky (Ibid., p. 213) “a negação é um dos processos de internalização de enunciados oriundos de outros discursos”, ou seja, ela evidencia a presença do discurso-outro. Cabe salientar que estou entendendo como *discurso-outro*, todo discurso proveniente de outras formações discursivas (FDs).

É possível apresentar três operações de negação discursiva (cf. INDURSKY, 1997, p. 216):

- Negação externa: incide sobre um discurso que provém de uma formação discursiva adversa.
- Negação interna: faz aparecer diferenças e/ou divergências no interior da mesma formação discursiva. Não estabelece, portanto, fronteiras ideológicas.
- Negação mista: mobiliza as duas operações anteriores, ou seja, incide “a um só tempo sobre enunciados inscritos em diferentes domínios de saber”.

Farei referência apenas à primeira operação de negação: a externa. Esta, ainda de acordo com Indursky, tem duas características importantes: 1- a marca da negação é explícita. 2- o discurso do outro é implícito. Ou seja, é o funcionamento das marcas de negação explícitas no discurso, como *não, jamais, nunca*, que ao transformarem uma afirmação em negação, permitem que um dizer antes interdito na FD, seja, então, possível de ser dito.

Nas formulações a serem analisadas, não há a explicitação de um discurso-outro, mas é possível “transformar metodologicamente a negação em afirmação” (op. cit. p. 218), e, dessa maneira, observar aquilo que é proveniente de um outro domínio de saber. É preciso referir que a transformação metodológica de enunciados que se apresentem sob a forma da negação, para a forma de afirmação, não reproduz as formulações efetivamente realizadas na FD antagônica, mas, sim, formulações “similares” que circulam nesses em domínios de saber (op. cit. 219).

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS. Bolsista CAPES.



Para ter sucesso nessas transformações, recorrer à memória discursiva é imperioso, haja vista que ela é o tecido material que sustenta o dizível para o sujeito (HASHIGUTI, 2008).

A memória discursiva diz respeito à existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas regradas por aparelhos ideológicos (COURTINE, 2009, p. 106). Ou seja, no interdiscurso² estão todos os saberes: o já-dito e o a dizer. Estes estão em uma dispersão, onde não é possível observar qual efeito de sentido predomina em relação aos outros possíveis. Já, na memória discursiva, os saberes são próprios a determinadas práticas, ou melhor, os saberes já têm uma existência histórica, eles já significaram em relação às práticas discursivas regradas por formações ideológicas correspondentes, portanto, não fazem mais parte de uma dispersão.

Conforme Agustine (2007), o interdiscurso é recortado em unidades significantes ao se fazer discursividade e, assim, constitui-se em memória discursiva.

[...] dizer 'se tornar discursividade' significa tornar-se discreto e fazer sentido. Para fazer sentido é preciso que outros sentidos (possíveis) permaneçam não-ditos e, assim, se apaguem para o sujeito. Esse processo de discretização se dá na e pela enunciação, no acontecimento do dizer que (re)atualiza as relações entre o linguístico e a história, nas redes de memória face ao não-dito. É assim que o interdiscurso se faz memória discursiva e produz uma 'mexida' nas redes de memória, instaurando o efeito de diferente, de outro dizer (AGUSTINE, 2007, p. 305).

A memória é, então, constituída pelos sentidos possíveis de se tornarem presentes no acontecimento de linguagem. Essa descrição foi formulada por Courtine (1999, p. 103) do seguinte modo: "a memória irrompe na atualidade do acontecimento". Ou seja, o corpo material da memória irrompe nos discursos a cada nova atualização, por isso, ela é o tecido (juntamente com o interdiscurso) que sustenta o dizível.

No discurso das mulheres camponesas, o estudo da negação, necessariamente, precisa ser observado tendo em vista a presença da memória discursiva, pois é lá que estão os enunciados que se relacionam com o discurso em questão. Mesmo que esses discursos pertençam a domínios de saber antagonicos, e, talvez, por isso mesmo, eles poderão irromper no discurso do MMC. No caso que pretendo analisar, esse retorno se dá sob a forma da negação, e pode ser acessado por meio de marcas linguísticas como o **não**.

Realizadas essas considerações, passo à discussão do funcionamento da negação tendo em vista construções que se apresentam sob a forma do enunciado dividido. Esta noção foi devidamente trabalhada por Jean-Jacques Courtine ([1981], 2009), quando analisou o discurso comunista endereçado aos cristãos.

As formulações que se apresentam sob a forma de enunciado dividido, põem, no mesmo espaço discursivo, discursos provenientes de regiões antagonicas. Ao negar, o sujeito do discurso reivindica, embora disso não se dê conta, à memória discursiva, as afirmações pertencentes ao

² O interdiscurso é o lugar onde se constituem os objetos de saber (os enunciados) de que os enunciadores se apropriam para deles fazer objetos de seu discurso.



discurso-outro, que, no domínio de saber ao qual está (o sujeito) filiado, não podem ou não devem ser ditas.

A existência de duas formulações pertencentes a discursos antagônicos, que apresentam um contexto comum e dois elementos (palavras, sintagmas, proposições, ou frases) que não podem ser substituídos um pelo outro, é entendida como enunciado dividido. A expressão $P\{x/y\}$ é o modelo desse tipo de enunciado, “Px e Py representam duas formulações que pertencem a discursos antagônicos, apresentando um contexto (P) comum e dois elementos (palavras, sintagmas, proposições, ou frases) que não podem ser substituídas uma pela outra, pois essa incomutabilidade é marcada pela barra que separa x e y” (COURTINE, 2006, p. 74).

Essa forma do enunciado dividido materializa entre duas FDs antagônicas no interdiscurso, a linha divisória entre o que pode ser formulado e o que não pode. As formas “regem certas escolhas de sintaxe e de enunciação que são operadas por quem enuncia o discurso” (COURTINE, 2006, p. 75). Conforme o quadro teórico da Análise do Discurso, Courtine explica que não se pode conceber o sujeito como mestre de suas escolhas e daquilo que enuncia. Portanto, sob esta perspectiva, uma ordem do discurso se impõe ao sujeito falante e o modo de enunciação encontra-se, assim, sobre uma liberdade controlada.

Cazarin (2000, p. 177-178), por sua vez, explica que discursos em confronto convivem no mesmo enunciado. E, desse modo, é possível observar esses discursos antagônicos por meio de distintas marcas linguísticas como: *não é x..., mas é; não... frase afirmativa; jamais... frase afirmativa; nunca... frase afirmativa etc.* Ainda de acordo com a autora, “esses enunciados se formam na tensão que liga os processos discursivos inerentes a duas FDs antagônicas” (CAZARIN, 2000, p. 178), e, materializam linguisticamente contradições e fronteiras entre domínios de saber.

O funcionamento da negação no discurso das mulheres camponesas, então, será discutido por meio da análise de sequências discursivas selecionadas por se apresentarem sob a forma do enunciado dividido. Metodologicamente, dividi as *sds* conforme a marca linguística que materializa o confronto. É importante salientar que, de acordo com a expressão $P\{x/y\}$, x irá corresponder à FD antagônica e y corresponderá à FD que abriga o discurso das camponesas. Abaixo de cada sequência faremos a representação esquemática da forma do enunciado dividido e posteriormente a discussão.

Marca linguística: Não é x... é y

Sd 1:

O campo **não** é o lugar de quem não teve oportunidade na vida. Estar no campo hoje é acima de tudo uma opção e uma missão de produzir alimentos saudáveis, preservando os bens naturais comprometidos com a vida, a saúde e a justiça para todos.

http://www.mmcbrasil.com.br/materiais/publicacoes/cartilha_defesa_vida_2008.pdf

x O campo é o lugar de pessoas que não tiveram oportunidade na vida

y No campo moram pessoas que optaram por estar ali



Marca linguística: *Não é x... mas é y*

Sd 2:

O 8 de março **não é** um dia de comemoração, festividades, entrega de presentes, **mas** sim um dia de luta e resistência na busca de uma vida com mais dignidade para as mulheres e para a classe trabalhadora.

http://www.mmcbrazil.com.br/materiais/publicacoes/panfleto_rua_080306.pdf

x O 8 de março é um dia para comemorar

y O 8 de março é um dia de luta e resistência

Marca linguística: *Não (Nunca)... formulação afirmativa*

Sd 3:

Nós **nunca** conseguimos nada de graça, tudo foi com muita luta, muitas vezes fomos agredidas, mas nunca desistimos. Já conseguimos muitas coisas, mas a caminhada continua. Pois na luta não dormimos nunca.

http://www.mmcbrazil.com.br/materiais/publicacoes/informa_set_out_08.pdf

x As mulheres do MMC dispõem do que receberam sem lutar

y As mulheres conseguem as coisas com muita luta

Essas sequências foram agrupadas por representarem antagonismos ideológicos e contradições, e, conseqüentemente, por permitirem observar como se dá a aproximação e o afastamento de discursos antagônicos. O que leva a entender que essas construções dependem da formação discursiva em que o discurso está inserido, e sofrem as determinações das relações de desigualdade-contradição-subordinação que caracterizam, numa formação social dada, o todo complexo com dominante das formações ideológicas.

É preciso salientar também que em nenhuma dessas *sds* há explicitação do discurso-outro, este só pode ser observado a partir da transformação metodológica que aparece abaixo de cada *sd*. Em que X corresponde ao enunciado afirmativo, interdito no discurso das camponesas.

Na primeira *sd*, ao negar que o campo é lugar de pessoas que não tiveram oportunidade na vida, instaura-se uma interlocução discursiva com uma posição-sujeito pertencente a uma outra FD em que essa formulação é afirmativa. Há, então, uma negação do pré-construído. Este compreendido como “a presença-ausente de um ‘não-dito’ sem fronteira assinalável”, (MALDIDIER, 2003, p. 85, ao parafrasear um manuscrito de Pêcheux).

Essa negação rompe com a ordem do “todo mundo sabe que é assim”, ou seja, rompe com o pré-construído de que os sujeitos que vivem nas regiões onde não há centros urbanizados estão lá porque não encontraram um lugar melhor para si. A marca linguística *não é x...é y* permite que se instaure uma discussão sobre os lugares sociais dos sujeitos que vivem no campo. Ao negar e posteriormente afirmar, na *sd 1*, o sujeitos desse discurso procuram desqualificar um pré-construído, que não pode ser aceito na FD em que estão inscritos, pois essa universalidade produz o efeito de sentido de que o lugar social de camponesa tem valor menor na formação social em que ele existe.



Na sd 2, a marca linguística é diferente - *não é x...mas é y* - sendo que a segunda formulação é introduzida pelo conector *mas*. Nessa sd, diferentemente da anterior, não é possível identificar um pré-construído de desqualificação dos lugares sociais ocupados por quem vive no campo. A negação está incidindo sobre práticas de comemoração do Dia Internacional da Mulher, que são generalizadas a todas as mulheres. Ao negar que o 8 de março seja um dia para comemorar, as mulheres camponesas estão marcando sua posição ideológica, que é apresentada a partir da introdução, pelo conector *mas*, da formulação “o 8 de março é um dia de luta...”, redirecionando, desse modo, o efeito de sentido de maneira a inscrevê-lo *adequadamente* em seu discurso.

Na sequência discursiva 3 o funcionamento é parecido com o da sd 1, pois a marca linguística *Não (nunca)...formulação afirmativa* instaura o questionamento a um pré-construído pertencente a um outro domínio de saber antagônico. As camponesas, ao enunciarem que “as mulheres nunca conseguiram nada de graça”, estão contrapondo uma formulação afirmativa de que “a mulher consegue tudo de graça”, cujo efeito de sentido predominante na FD antagônica é o de que “a mulher *vive* de favor”, ou melhor, “as coisas que a mulher recebe/conquista são lhe ofertadas como um favor”. É preciso negar para romper com esse saber universal, e para que seja possível redirecionar o dito para os saberes próprios a sua FD.

Essa descrição das *sds* permite situar as condições de produção em que elas aparecem. A exterioridade estabelece com as seqüências uma relação necessária, não apenas contextual ou aditiva, pois, em AD, o exterior é constitutivo. São constitutivas, por exemplo, as condições sociais de sujeitos que vivem no campo, e também a própria condição de viver em um ambiente não urbanizado.

Para visualizar como se organiza a relação entre a formulação afirmativa da FD antagônica, a formulação negada pela FD das mulheres camponesas e a formulação afirmativa da FD das mulheres camponesas, no quadro a seguir, separei as representações conforme o funcionamento discursivo do enunciado dividido, de acordo com as transformações efetuadas anteriormente.

Afirmações oriundas de outra formação discursiva	Negações discursivizadas na FD das mulheres camponesas	Afirmações próprias à FD das mulheres camponesas
<ul style="list-style-type: none">• O campo é o lugar de pessoas que não tiveram oportunidade na vida• O 8 de março é um dia para comemorar• As mulheres do MMC dispõem do que receberam sem lutar	<ul style="list-style-type: none">• O campo não é o lugar de pessoas que não tiveram oportunidade na vida• O 8 de março não é um dia de festejar• As mulheres nunca conseguiram nada de graça	<ul style="list-style-type: none">• As pessoas moram no campo por opção (porque desejam estar ali)• O 8 de março é um dia de luta e de resistência• As mulheres conseguem as coisas com muita luta



Os itens lexicais de negação como *não*, *nunca* que normalmente introduzem a formulação, são, portanto, marcas linguísticas de que em outro lugar há uma afirmação que não pode ser aceita na FD que abriga o discurso das mulheres camponesas. Dito de outro modo: o *não* funciona como marca de que na memória discursiva existe um enunciado afirmativo próprio a uma FD de oposição àquela que abriga o discurso das mulheres camponesas, como, por exemplo, uma FD do capital.

Construções como essas, possibilitam que depois da negação, seja inserida uma afirmação, na maioria das vezes introduzidas pela forma verbal “é” ou pelo conector “mas”. Portanto, no mesmo enunciado, articulam-se dois discursos que estão afastados radicalmente por seus antagonismos ideológicos, colocando em confronto posições de sujeito incompatíveis.

Assim, o sujeito identificado à FD das camponesas recupera no já-dito esse enunciado próprio à outra FD e insere-o em seu discurso de forma negativa, e isso, permite-lhe, em sequência, inserir o discurso próprio à sua FD, sob a forma da afirmação.

Nas *sds* em análise, a afirmação subsequente à negação produz efeitos de sentido de justificativa. As mulheres, então, procuram justificar suas ações e seu posicionamento por meio da negação do discurso-outro. Por meio da memória discursiva, é possível acessar formulações anteriores, e compreender que há o desejo de (re)significar determinadas práticas sociais, ou deslocar sentidos já sedimentados, e isso só pode aí tomar corpo, na medida em que se negam práticas sociais já instituídas.

De maneira geral, em todas essas *sds*, esse modo de negar produz o efeito de sentido de denúncia ou de refutação das ações do outro lado. É preciso negar o discurso do outro, para afirmar o seu, portanto, sobre as marcas da negação/refutação se constrói a afirmação do discurso das mulheres camponesas.

E, por fim, a negação do discurso-outro é um processo que permite o deslocamento de pré-construídos e promove a emergência de dizeres outros, contribuindo, assim, para o constante e incessante processo de (re)significação nos e dos discursos.

Referências

AGUSTINE, Carmem. (N)As dobraduras do dizer e (N)o não-um do sentido e do sujeito: um efeito da presença do interdiscurso. In: INDURSKY, Freda. LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. (org.) *Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos: Claraluz, 2007, p. 303-312.

CAZARIN, Ercília Ana. O confronto entre duas posições-sujeito, inscritas em diferentes formações discursivas, marcado linguisticamente pelo enunciado dividido. In: INDURSKY, Freda; CAMPOS, Maria do Carmo (org.). *Discurso, memória, identidade*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.

COURTINE, Jean-Jacques *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos* (1981). São Carlos: EdUFSCar, 2009.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
V SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO
O acontecimento do discurso: filiações e rupturas
Porto Alegre, de 20 a 23 de setembro de 2011

_____. *Metamorfoses do discurso político*: derivas da fala pública. Tradução de Nilton Milanez e Carlos Piovezani Filho. São Carlos: Claraluz, 2006.

_____. O chapéu de Clémentis: observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do político. Tradução de Marne Rodrigues de Rodrigues. In: INDURSKY, Freda; LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. (org.). *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Ed. Sagra Luzzatto, 1999.

HASHIGUTI, Simoni Tiemi. *Corpo de Memória*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP: 2008. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000431097&fd=y>, acesso em 11/08/2011.

INDURSKY, Freda. *A fala dos quartéis e as outras vozes*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

MALDIDIER, Denise. *A inquietação do discurso*: (re)ler Michel Pêcheux hoje. Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.